

EDUCAÇÃO ESTÉTICA E FORMAÇÃO DO SER HUMANO EM SCHILLER: RELEVÂNCIAS CONTEMPORÂNEAS

MARTA LIMA SOUZA

Discente do curso de Licenciatura em Filosofia
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)
Campus de Vitória da Conquista, Bahia, Brasil
Contato: marta.limaprofa@gmail.com

Resumo: Vivemos em uma época marcada pela velocidade crescente, pelo avanço tecnológico e pela fragmentação progressiva do conhecimento. Nesse cenário, a educação, frequentemente, é reduzida à preparação técnica e ao desempenho imediato, deixando em segundo plano o seu potencial formativo de indivíduo integral. Este artigo propõe examinar a atual relevância do pensamento de Friedrich Schiller, expressa em suas *Cartas sobre a educação estética da humanidade* (1795), destacando o papel da arte e da experiência estética como uma possibilidade concreta de restaurar a harmonia entre razão e sensibilidade.

Palavras-chave: Schiller. Educação estética. Formação humana. Liberdade. Sensibilidade.

5

1. INTRODUÇÃO

Vivemos numa época em que tudo parece acontecer em alta velocidade e de modo paradoxal: ao mesmo tempo que a técnica avança, o conhecimento se fragmenta. A área da educação, em meio a esse processo de mudança contínua, acaba focada quase que exclusivamente na preparação do indivíduo para o mercado de trabalho e, nesta formação técnica a educação visa a eficiência e o desempenho. A formação do ser

humano em sua totalidade: intelectual, ética, sensível e espiritual acaba ficando de lado.

Nesse cenário, a reflexão sobre e a educação estética, apresentada por Friedrich Schiller, filósofo, poeta e dramaturgo alemão do século XVIII, pode ser retomada com uma atualidade surpreendente. Em 1795, enquanto a Europa ainda enfrentava os efeitos da Revolução Francesa, Schiller escreveu suas *Cartas sobre a educação estética da humanidade*. Naquele momento, as grandes promessas de liberdade, igualdade e fraternidade não se concretizaram e o resultado foi a instauração da barbárie, através da violência, em todos os setores da vida humana. Para ele, essa contradição era um sinal de algo mais profundo: o ser humano moderno havia estava dividido, fragmentado entre razão e sensibilidade, entre o intelecto frio e os impulsos da natureza.

O presente artigo visa refletir sobre a proposta de educação estética de Schiller tendo em vista o seu valor enquanto resposta valiosa para contrapor essa formação unilateral oferecida pela educação contemporânea. Na obra do pensador alemão há uma clara e justificada defesa de uma educação que capaz de reconstruir a unidade rompida entre razão e sensibilidade, através do retorno à integridade da experiência humana. É um caminho de humanização que promove não só o desenvolvimento intelectual, mas também o ético, o sensível e o espiritual, oferecendo uma formação mais completa e autêntica.

6

2. DESAFIOS DA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA E OS CAMINHOS PARA A FORMAÇÃO HUMANA

A sociedade contemporânea, segundo Byung-Chul Han, pode ser caracterizada como a “*sociedade do desempenho*”. Nela o indivíduo não é mais coercitivamente controlado por forças externas, mas impõe a si mesmo uma pressão constante para ser produtivo e eficiente. Essa liberdade aparente é, na verdade, coercitiva, pois o sujeito se torna um

empreendedor de si mesmo, autoexplorando-se em busca de resultados cada vez maiores, através de um ciclo permanente de autoexigência. Han destaca que essa autoexploração interna acompanha uma cultura da positividade extrema: o fracasso, a exemplo do sucesso, é atribuído exclusivamente à responsabilidade individual e não a fatores externos ou sistêmicos (cf. HAN, 2017, p. 29-30).

A cultura da positividade extrema e da autoexploração incessante, segundo o filósofo coreano, responsabiliza o indivíduo isoladamente pelo sucesso ou fracasso, apagando a complexidade das influências externas e sistêmicas. É justamente essa fragmentação da experiência e da responsabilidade que Edgar Morin critica quando afirma que a educação deve ir além do simples treinamento técnico. Contra essa fragmentação, o pensador francês propõe uma abordagem que reconheça a multiplicidade de perspectivas e a condição multifacetada do ser humano.

Por isso, a educação deveria mostrar e ilustrar o Destino multifacetado do humano: o destino da espécie humana, o destino individual, o destino social, o destino histórico, todos entrelaçados e inseparáveis. Assim, uma das vocações essenciais da educação do futuro será o exame e o estudo da complexidade humana. Conduziria à tomada de conhecimento, por conseguinte, de consciência, da condição comum a todos os humanos e da muito rica e necessária diversidade dos indivíduos, dos povos, das culturas, sobre nosso enraizamento como cidadãos da Terra (MORIN, 2000, p. 61).

7

Edgar Morin pressupõe e defende que a educação deve ir além do aprendizado de habilidades técnicas e do cumprimento de metas: educar significa compreender o ser humano em toda a sua complexidade. Para ele, a educação fragmentada, que divide o saber em disciplinas estanques e funciona como mero treinamento, limita a visão do indivíduo, impedindo-o de entender o todo do qual faz parte. Nesse sentido, Morin propõe a educação baseada no pensamento complexo, que integra diferentes saberes

e reconhece a multiplicidade de perspectivas. Somente uma educação que reconhece e leva em conta essa complexidade é capaz de promover uma visão holística da condição humana.

A orientação tecnicista da educação empobrece a formação ao reduzir a educação a finalidades meramente pragmáticas. Ao privilegiar a eficiência, o desempenho e o fazer imediato, relega a segundo plano a sensibilidade, a imaginação, a criticidade e a interioridade. O sujeito é levado a ajustar-se rapidamente às demandas externas e a produzir sem cessar, sem ser estimulado a pensar, compreender-se ou integrar reflexivamente o que aprende.

A fragmentação da sociedade, explícita nas múltiplas especializações, leva à fragmentação do saber e aprofunda esse cenário ao distribuir os conhecimentos em compartimentos cada vez mais específicos e pouco conectados, dificultando a construção de uma compreensão articulada do mundo e de si mesmo. Em vez de uma formação integral que considere a totalidade da experiência humana, consolida-se uma formação parcial, utilitarista e, frequentemente, alienante. Essa compartimentação do conhecimento impede o desenvolvimento de uma visão global e crítica, cujo resultado é prejuízo em termos tanto de reflexão e a compreensão quanto dos fatos e da realidade. 8

Hannah Arendt, em um dos seus raros textos dedicados à educação, afirma que a educação é fundamental para garantir a continuidade da sociedade, pois o mundo está em constante transformação e precisa ser renovado com a chegada de novos indivíduos. Através da educação, esses novos membros são introduzidos nesse contexto em mudança, o que assegura a permanência e renovação da vida social. Para a filósofa educar não é apenas transmitir conhecimentos, mas preparar as novas gerações para viver e agir no mundo compartilhado com os outros, preservando-o para o futuro.

Uma crise na educação em qualquer ocasião originaria séria preocupação, mesmo se não refletisse, como ocorre no presente caso, uma crise e uma instabilidade mais gerais na sociedade moderna. A educação está entre as atividades mais elementares e necessárias da sociedade humana, que jamais permanece tal qual é, porém se renova continuamente através do nascimento, da vinda de novos seres humanos (ARENDT, 1997, p. 232).

A formação humana é um conceito amplo que expressa a busca pelo pleno desenvolvimento das potencialidades únicas de cada indivíduo. Na coletânea de textos intitulada *Educação e emancipação* Adorno defende que a educação deve ter como objetivo central a emancipação, entendida como a capacidade de pensar de forma própria, resistir a influências manipuladoras e agir com autonomia crítica. Para Adorno, essa autonomia não significa independência total, mas a habilidade de reconhecer as forças sociais que moldam a vida do indivíduo e, a partir disso, assumir uma postura crítica diante delas. A educação, portanto, deve contribuir para a formação de indivíduos capazes de reflexão e ação crítica na sociedade, promovendo sua emancipação enquanto seres sociais, através de uma luta constante contra a barbárie.

Em uma outra obra, fruto da parceria Adorno e Horkheimer, intitulada *Dialética do esclarecimento*, a concepção de formação humana parte do entendimento de que a educação deve ter como objetivo o desenvolvimento integral da pessoa. Para isso, é necessário que a educação vá além da preparação para o mercado de trabalho, reconhecendo que o ser humano não deve ser visto como meio para fins externos, mas como um fim em si mesmo. A educação deve fornecer a todos os seres humanos as condições mínimas para superação da barbárie, através da promoção da emancipação e da autonomia crítica diante das forças sociais que o moldam. Dessa forma, os autores rejeitam e criticam a formação meramente instrumental e utilitarista em favor de uma formação que respeite a dignidade e a singularidade do indivíduo.

Tudo o que afirmamos até aqui, no que diz respeito a crise da educação contemporânea e a formação humana, embora revele aspectos da sociedade contemporânea, foi diagnosticada ainda no século XVIII. Friedrich Schiller identificou uma cisão na sociedade e atribui essa cisão a uma divisão interna que acometia o homem e refletia na crise da modernidade. Sua proposta, uma defesa contundente de uma educação estética, não se resume a um exercício filosófico, mas constitui uma reflexão essencial para repensar a educação diante dos processos acelerados de desumanização que hoje vivemos. Em seu programa educativo Schiller situa a arte e a beleza como dimensões capazes de harmonizar as demais faculdades e superar a dualidade a que os sujeitos estava submetido. Ao conceber uma formação capaz de integrar e revitalizar a condição humana, Schiller torna-se especialmente relevante num contexto contemporâneo marcado por rápidas mudanças e tensões que desafiam a humanidade.

A concepção de educação proposta por Schiller permite fazer uma crítica aos diversos programas e propostas de educação que estão em desenvolvimento na atualidade. De um lado, constata-se que a educação, nos moldes atual, é incapaz atingir os objetivos da educação: desenvolver a autonomia, a criticidade e independência do indivíduo. Por outro, se recusa a rever o seu programa de ensino, claramente centrado nas disciplinas que tendem a desenvolver os impulsos racionais, em detrimento das disciplinas que possuem o potencial de desenvolver a sensibilidade – a exemplo da filosofia, da literatura e das artes em geral.

A correção de rota, se há um real interesse político-pedagógico em realizá-la, implicaria reconhecer o equívoco no pressuposto: se a educação pretende formar o indivíduo de modo pleno, precisa criar as condições objetivas para o desenvolvimento, em equilíbrio, dos dois impulsos constitutivos do ser humano. Caso contrário fica tudo como está: o desejo de uma educação integral esbarra nos objetivos políticos-educacionais que

a educação contemporânea adota: formar competências e habilidades para que o indivíduo possa ter êxito na sociedade de desempenho.

A educação estética, segundo Schiller, tem como objetivo muito claro: formar a sensibilidade por meio da experiência dos fenômenos estéticos. Não se trata de formar artistas e sim buscar o equilíbrio entre sensibilidade, razão e cultura. Esse equilíbrio, em sendo praticado com programa educativo, contribuirá para a formação humana integral. Na atualidade, a proposta de uma educação estética pode integrar práticas pedagógicas que promovem a humanização: seria possível, através da proposta de Schiller, estabelecer propósitos, métodos e ações educativas, que valorize a experiência estética como caminho para a liberdade e o desenvolvimento moral? Seria essa uma alternativa à crise da educação em que estamos imersos.

3. SCHILLER E A PROPOSTA DE UMA EDUCAÇÃO ESTÉTICA

Friedrich Schiller, em suas *Cartas sobre a educação estética da humanidade*, obra publicada em 1795, identifica um problema central da modernidade: a cisão interna do indivíduo causada pela ênfase unilateral na racionalidade ao longo do processo civilizatório. Essa valorização excessiva da razão produziu fruto, mas desarmonizou a relação entre sensibilidade e intelecto, criou um fosso entre vida sensível e reflexão. Esse desequilíbrio, concluiu Schiller, está na origem da desumanização, cujo efeito é a negação da realização plena do ser humano.

Se o processo de desenvolvimento social levou a essa fratura, a educação estética deve ser um caminho para restaurar essa harmonia perdida, acredita Schiller. A educação terá êxito se promover a reconciliação entre natureza e razão. Ela pode realizar esse objetivo através da experiência da beleza e da arte, uma vez que estas duas dimensões ativam, conjuntamente, os impulsos sensível e racional e o resultado dever ser a criação de um espaço teórico-prático para a formação estética e moral

do indivíduo. Dessa forma, a educação estética visa formar a sensibilidade e a razão de maneira integrada, possibilitando ao ser humano superar a cisão e atingir um estado de equilíbrio interno, expressão essencial da sua realização plena.

Schiller, ao apresentar a educação estética, propõe uma via para recompor a unidade perdida do ser humano fragmentado. Diferente da educação moral, baseada na imposição de normas, ou da educação racional, fundada na abstração, a educação estética se realiza através do jogo, da experiência do belo e do prazer desinteressado. Esse processo permite que o sujeito desenvolva, conjuntamente, liberdade e sensibilidade, aproximando os seus dois principais impulsos: o sensível e o racional. Separadamente desenvolvidos, em vez de integração, eles podem ser a causa da fragmentação do sujeito. A educação estética, ao promover o equilíbrio entre os impulsos sensível e racional, realiza a formação integral do indivíduo e a reconciliação interna necessária à liberdade plena.

É mediante a cultura ou educação estética, quando se encontra no “estado de jogo” contemplando o belo, que o homem poderá desenvolver-se plenamente, tanto em suas capacidades intelectuais quanto sensíveis. Esse é, aliás, o sentido da passagem mais famosa das cartas sobre A Educação Estética do Homem, a qual, segundo o próprio Schiller, suportará o edifício inteiro da arte estética e da bem mais dificultosa arte de viver (SCHILLER, 2002, p. 84).

12

A educação estética, para Schiller, introduz o indivíduo no *estado de jogo*, um momento em que a experiência do belo suspende as coerções externas e cria um espaço de liberdade interior. Nesse estado, o sujeito pode se reencontrar, reorganizar sua interioridade e alcançar uma existência mais integrada e lúcida. A vivência estética não se limita à arte, mas se estende à própria arte de viver e é um traço antropológico de todo ser humano, como afirma Schiller: “o homem joga somente quando é homem no pleno sentido da palavra, e só é homem pleno quando joga”

(SCHILLER, 2002, p. 80). É por ser algo constitutivo e próprio do ser humano que o desenvolvimento, simultâneo, dos dois impulsos (sensível e o racional) promove a harmonia entre sensibilidade e razão, tornando-se fundamental para a formação humana integral e para o exercício da liberdade verdadeira.

Friedrich Schiller identifica dois impulsos básicos na existência humana: o *impulso sensível* (*Stofftrieb*), relacionado ao concreto, aos desejos e à mudança, e o *impulso formal* (*Formtrieb*), que busca a permanência, a universalidade e a ordem racional. Quando Schiller propõe o desenvolvimento de ambos os impulsos, através da educação estética, é por que ele reconhece que o antagonismo entre as faculdades não é algo externo e sim algo próprio do homem: “Daí nascem as duas tendências opostas no homem, as duas leis fundamentais da natureza sensível-racional” (SCHILLER, 2002, p. 61). O desenvolvimento, sem o equilíbrio necessário, leva à unilateralidade: o impulso sensível pode se tornar impulsividade desmedida; o impulso formal pode se cristalizar em rigidez e alienação.

13

Para Schiller, o *impulso lúdico* (*Spieltrieb*) atua como mediador entre esses dois, promovendo a síntese e o equilíbrio entre a razão e a sensibilidade. Esse impulso lúdico harmoniza as necessidades físicas e morais, permitindo que o indivíduo alcance uma forma viva e integrada de existência. Uma forma de obter essa integração ocorre através da experiência estética da beleza, que representa a “*forma viva*” na qual a razão e a emoção se encontram de maneira equilibrada e dinâmica.

Dentro da proposta de Schiller, a arte vai além da simples expressão subjetiva e assume um papel formador, capaz de aguçar a sensibilidade, ampliar a percepção, além de nutrir a liberdade interior. A experiência do belo não impõe regras, mas convida o indivíduo a integrar corpo, emoção, pensamento e imaginação. O pressuposto estético-educativo do autor é muito claro: “A beleza conduz o homem ao caminho da liberdade” (SCHILLER, 2002, p. 89). Assim, a educação estética deixa de ser uma

atividade acessória e complementar, mas o elemento central na formação humana: é a educação da sensibilidade deve ser o objetivo do processo educativo – e não a educação meramente profissional –, pois é ela que promove o desenvolvimento integral do sujeito por meio da vivência do belo e da harmonia entre razão e sensibilidade.

Para além do aspecto “valorativo”, que nos permite avaliar a situação educação contemporânea à luz da proposta de Schiller, há elementos que lhes são próprios.

Em sua obra *Schiller e a cultura estética*, Ricardo Barbosa, mostra que a experiência estética possui um caráter formativo justamente porque desperta um tipo de atenção mais profundo e refinado: visa formar uma sensibilidade capaz de perceber ritmos, nuances, formas e significados que passam despercebidos no cotidiano. Ao ampliar o horizonte interior, essa formação favorece o desenvolvimento da empatia, da imaginação moral e da abertura ao outro. Uma forma da sensibilidade não é uma formação neutra; ela modela nossas formas de julgar, sentir, estar no mundo e nos relacionar: “A força dessa mediação já se faz presente na experiência estética, pois a arte não é um simples prazer dos sentidos, mas através destes, o que exige algo mais da fruição” (BARBOSA, 2004, p. 30).

Segundo o autor, a experiência estética tem caráter formativo porque amplia o nosso cotidiano, costumeiramente reduzido aos interesses imediatos e em vista da reprodução social. Essa ampliação do horizonte interior – através da percepção de ritmos, nuances, formas e significados –, ocorre porque a arte projeta cenários de mundos possíveis e abre espaço para uma imaginação ética e política ampliada. Através da ficção, da poesia, da pintura e/ou da música, o indivíduo entra em contato com realidades alternativas que pode expandir o seu horizonte de ação e de reflexão.

É possível, então, afirmar que a experiência estética não apenas reorganiza dimensões internas da subjetividade, mas também fortalece a construção de uma vida coletiva mais equilibrada e democrática, ao

estimular a participação e a criação de novas formas de convivência social. Assim, a arte contribui para a formação de uma imaginação crítica que facilita práticas éticas e políticas transformadoras, como afirma o estudioso.

Para Schiller, uma investigação sobre o belo e o gosto era tanto mais importante quanto mais a urgência na solução dos problemas políticos parecia torná-la supérflua e extemporânea. Quer na esfera política, quer na literária, o estranhamento entre a época e a “arte idealizante” era crescente (BARBOSA, p. 20, 2004).

Em uma das *Cartas*, Schiller faz a seguinte afirmação: “a arte é uma filha da liberdade e quer ser legislada pela necessidade do espírito” (SCHILLER, 2002, p. 21). Essa afirmação sintetiza a compreensão de que a criação artística nasce de um impulso autônomo, contribui para cultivá-lo no sujeito e pode estruturar a vida em sociedade. Essa expressão reforça o papel decisivo na formação de sujeitos revela que transformação do mundo ocorre através do exercício livre da criação estética do indivíduo: ao desenvolver a autonomia necessária para intervir criticamente na realidade ele projeta novas formas de convivência, de sensibilidade e de ação coletiva.

15

Já dissemos que a experiência estética vai além do entretenimento ou contemplação isolada de uma obra de arte; Schiller revela que ela possui um papel formativo essencial para a transformação subjetiva dos indivíduos. O desenvolvimento do sentido do belo gera uma disposição inicial para a reflexão, que conduz ao compromisso moral e à introdução do princípio da liberdade na vida ética. A educação estética corrobora, portanto, como a educação moral, uma vez que promove a liberdade interior e a formação de sujeitos capazes de se relacionar criticamente com a sociedade e consigo mesmos.

No impulso lúdico, o homem não desfruta da liberdade moral *stricto sensu*, mas de uma liberdade em meio ao mundo sensível.

Isso acarreta uma conseqüência importante: para Schiller, sempre que contempla um objeto belo, o homem está ao mesmo tempo projetando simbolicamente sua própria liberdade nesse objeto. No juízo estético, a razão empresta a sua autonomia ao mundo sensível e é por isso que se pode afirmar que o belo é “liberdade no fenômeno” (SCHILLER, 2002, p. 13).

Schiller defende que a democratização da educação estética é fundamental para restabelecer aquela unidade perdida entre o impulso sensível e o impulso racional. Para ele, todos devem ter acesso a esse tipo de formação, uma vez que dedicar um tempo ao jogo e à criação é sinônimo de cultivar a sensibilidade para o belo e desenvolver juízos estéticos que permitam perceber a vida do outro, da sociedade e do mundo. Somente pelo acesso amplo e democrático à educação estética é possível formar a liberdade e promover uma educação que prepare sujeitos capazes de viver empaticamente em sociedade com empatia e exercitar a reflexão crítica e autônoma. A educação estética, portanto, deve ser compreendida como uma condição básica e universal para a realização de uma formação humana integral e para o exercício pleno da liberdade.

16

4. ENTRE BELEZA E FORMAÇÃO: SCHILLER E A EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA

Nas *Cartas*, escritas em 1795, Schiller diagnostica que o homem moderno sofre uma tirania em nome de uma liberdade aparente e propõe a experiência estética como fundamento para uma liberdade autêntica. Ele fornece um fundamento à estética, ligando o seu desenvolvimento à ampliação da sensibilidade e do prazer moral. Formar um indivíduo com espírito crítico, com sensibilidade política e consciente de sua realidade social é o mesmo que formá-lo esteticamente, através da educação.

O conceito de educação defendido pelo filósofo pode ser caracterizado como uma *pedagogia da sensibilidade* e da formação do

sentimento por meio da Educação Estética. Essa pedagogia visa formar o cidadão de maneira integral, através do desenvolvimento equilibrado da razão e da sensibilidade. Ele propõe que o desenvolvimento cultural do ser humano deve cultivar tanto a faculdade sensível quanto a racional, possibilitando uma harmonia interna que é crucial para a formação ética e cidadã.

No contexto contemporâneo, marcado pela hiperconexão, pelo excesso de estímulos e pela consequente fragilização da subjetividade, observa-se um cenário em que as pressões sobre o indivíduo se intensificam de múltiplas formas. Como afirma Hartmut Rosa, “a dinâmica da Modernidade Tardia produz não apenas um aumento quantitativo e qualitativo das pressões sobre o indivíduo, mas também um estado de hiperestímulo que fragiliza a subjetividade, dificultando o estabelecimento de relações ressonantes com o mundo” (ROSA, 2019, p. 11).

Quando Schiller destaca a importância de viver no próprio tempo sem se submeter cegamente a ele, revela que o verdadeiro compromisso com os contemporâneos não está em oferecer o que eles já valorizam, mas sim aquilo de que realmente carecem. Ele aponta que a ação deve ser guiada pela dignidade e não pela busca imediata de aprovação, assim contribuindo para despertar no outro a possibilidade de também se tornar melhor. Esse convite insere a ação humana, especialmente a educativa, no processo de restauração da unidade entre lucidez sobre a realidade presente e a fidelidade a ideais formativos mais elevados. Nesse sentido é papel da educação harmonizar as necessidades físicas e exigências morais.

Vive com teu século, mas não sejas sua criatura; serve teus contemporâneos, mas naquilo de que carecem, não no que louvam. [...]. Pensa-os como deveriam ser quando tens de influir sobre eles, mas pensa-os como são quando és tentado a agir por eles. Procura seu aplauso através de sua dignidade, mas atribui sua felicidade à falta de valor, e tua própria nobreza despertará então a deles (SCHILLER, 2002, p. 51-52).

A atualidade do pensamento de Schiller é evidente ante a nossa percepção de que o avanço técnico, por si só, não pode realizar externamente a humanidade que cada ser humano carrega consigo. Ele aponta que, sem sensibilidade, é perdida a capacidade de acolher o outro; sem imaginação, desaparece a possibilidade de inovar e criar novos caminhos; e sem a experiência do belo, o sentido da existência fica comprometido. Para Schiller, a educação estética é fundamental para a humanização da vida e para resistir às forças desagregadoras da modernidade tardia, funcionando como um horizonte potente para a formação do ser humano.

A proposta pedagógica de Schiller, centrada na educação estética, permanece relevante hoje como um desafio e como crítica à educação contemporânea. Em tempos marcados pelo domínio da mídia e pela fragmentação da experiência, a educação estética schilleriana oferece um caminho seguro para o exercício crítico e consciente da liberdade. Essa proposta de educação, ao promover essa mediação e equilíbrio entre faculdades opostas, mantém-se um elemento pedagógico vital diante dos desafios contemporâneos para a formação de cidadãos autônomos, éticos e politicamente engajados. Dessa forma, a pedagogia de Schiller continua sendo um desafio contemporâneo crucial, pois propõe uma educação que transcende o mero acúmulo de conhecimento e visa formar sujeitos autônomos e participativos numa sociedade complexa e em constante transformação.

18

5. CONCLUSÃO

A proposta pedagógica de Schiller, ao valorizar a educação estética como caminho para a formação integral, se apresenta como uma alternativa significativa para os desafios atuais da educação. Em um mundo marcado pela aceleração e excesso de estímulos, o desenvolvimento da sensibilidade é fundamental para que o indivíduo desenvolva uma reflexão

crítica sobre a sociedade. Esse ideal educativo, à medida que busca a harmonização entre razão e sensibilidade, se apresenta como um contraponto à fragmentação contemporânea.

A educação estética proposta por Schiller, apresentada no presente artigo de forma sumário, oferece um espaço para o sujeito integrar suas experiências e construir uma identidade mais autônoma e coerente. É uma proposta do século XVIII, mas que se revela atual e revolucionária, à medida que permite criar as condições para o reconhecimento e expressão da liberdade interior.

A arte, na perspectiva de Schiller, atua como mediadora entre o indivíduo e a sociedade, especialmente em um contexto de polarização e superficialidade. A experiência estética amplia as nossas percepções e abre caminhos para a empatia, contribuindo assim para a formação de cidadãos capazes de dialogar e participar criticamente da vida coletiva. Não há dúvida que a proposta educativa de Schiller continua um ideal a ser atingido e, por isso, deve soar como um desafio contemporâneo. O autor propõe uma educação que transcende o mero acúmulo de conhecimento e visa formar sujeitos integrados, autônomos e participativos numa sociedade complexa e em constante transformação e não empreendedores de si mesmos.

19

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 1997.

BARBOSA, Ricardo. **Schiller e a cultura estética**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2017.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2 ed. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2000.

ROSA, Hartmut. **Aceleração**: a transformação das estruturas temporais da modernidade. São Paulo: Unesp, 2019.

SCHILLER, Friedrich. **A educação estética do homem**: numa série de cartas. São Paulo: Iluminuras, 2002.

MARTA LIMA SOUZA

<http://lattes.cnpq.br/9011410729550134>

20